

“Elas, sob o nosso olhar”: representações de mulheres do futebol no cordel de estudantes de uma escola pública

“Elas, sob o nosso olhar”:
representations of women in football in cordel
literature by students from a public school

Silvana Vilodre Goellner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil
Doutorado em Educação, UNICAMP
vilodre@gmail.com

Maria da Conceição Santos Veloso

Secretaria da Educação do Estado da Bahia, Jacobina/BA, Brasil
Mestre em Educação Física, UNIVASF

RESUMO: No escopo do dossiê “Representação das mulheres no futebol”, apresento o cordel *Mulhere-se*, produzido por estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) do Colégio Gilberto Dias de Miranda, localizado na cidade de Jacobina, na Bahia. O material resulta do trabalho desenvolvido por uma professora de Educação Física que, ciente da relevância de tematizar as relações entre esporte e gênero, propôs atividades centradas no futebol, mais especificamente, na invisibilidade histórica das mulheres nessa modalidade. Questões como machismo, sexismo e racismo foram discutidas, assim como a trajetória das mulheres no esporte e na sociedade de modo mais amplo. Considerando que as representações são

produzidas cotidianamente e circulam por meio de diversos artefatos culturais, entendo que intervenções pedagógicas dessa natureza são fundamentais para desconstruir e desnaturalizar práticas e discursos que, historicamente, têm posicionado as mulheres à margem do universo cultural do futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Representação; Mulheres; Futebol; Escola; Literatura.

ABSTRACT: Within the scope of the dossier “Representation of women’s football”, I present the cordel *Mulhere-se*, produced by sixth-grade students from Colégio Gilberto Dias de Miranda, located in the city of Jacobina, in the state of Bahia. The material is the result of a project developed by a Physical Education teacher who, aware of the importance of addressing the relationship between sport and gender, proposed activities centered on football, more specifically on the historical invisibility of women in this sport. Issues such as machismo, sexism, and racism were discussed, as well as women’s trajectories in sport and in society more broadly. Considering that representations are produced on a daily basis and circulate through various cultural artifacts, I argue that pedagogical interventions of this nature are fundamental to deconstruct and denaturalize practices and discourses that have historically positioned women on the margins of football’s cultural universe.

KEYWORDS: Representation; Women; Football; School; Literature.

A representação das mulheres no futebol tem sido abordada a partir de diferentes enfoques e perspectivas teóricas, cujas análises, em sua maioria, concentram-se nos mais diversos artefatos midiáticos. Considerando que a representação se configura como um processo cultural por meio do qual os significados são produzidos e compartilhados socialmente através de processos simbólicos que envolvem, por exemplo, a linguagem, as imagens e os discursos,¹ este texto propõe um redirecionamento deste olhar, ao descrever o processo de criação de um material produzido por estudantes de uma escola pública. Trata-se do cordel *Mulhere-se*, escrito por alunos e alunas do 6º ano do Colégio Gilberto Dias de Miranda, localizado na cidade de Jacobina, na Bahia. Resulta do trabalho da professora de Educação Física, Maria da Conceição Santos Veloso, que idealizou o projeto a partir de sua trajetória pessoal e do contexto do futebol praticado por mulheres em nosso país. Ao articular a Educação Física com a arte literária, a intervenção pedagógica foi

estruturada a partir de diferentes etapas, culminando com a valorização uma importante manifestação da cultura popular nordestina, o cordel. Nas suas palavras:

Ao discorrer sobre as potencialidades da literatura de cordel conectada à Educação Física escolar é necessário descrever um pouco do processo (mão na massa), com mais uma produção de informação, em que os/as estudantes, foram convidados/as a produzirem coletivamente um texto poético em cordel, após versos introdutórios da professora pesquisadora, sobre o papel da mulher no contexto do futebol, a partir da temática estudada e das discussões já realizadas em sala de aula. Portanto, a proposição da atividade não foi estanque ou pontual ou esvaziada de sentido. Ocorreu no percurso da unidade letiva (após dezesseis aulas/em torno disso). Desse modo, ao se apropriarem nas aulas sobre o gênero cordel, como se constrói a rima e o que é sextilha, os/as estudantes deram vazão à fruição para a construção literária, com a entrega semanal dos versos, para posterior correção/refacção textual.²

Para descrever o processo de criação do cordel, realizei uma entrevista com a professora responsável pela atividade, tomando como referência os procedimentos teórico-metodológicos da História Oral, mais especificamente, seus modos de

¹ HALL. *Cultura e representação*.

² VELOSO. Por uma pedagogia engajada nas aulas de educação física escolar: reflexões de uma autoetnografia feminista sobre as relações de

gênero que atravessam o futebol no Colégio Gilberto Dias de Miranda - Jacobina-BA, p. 143.

usar.³ A entrevista foi estruturada a partir de dois eixos: a relação de Maria da Conceição com o futebol e sua intervenção pedagógica nas aulas de Educação Física. Como fonte primária, utilizei também sua dissertação de mestrado, defendida em 2025 no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

Intitulada *Por uma pedagogia engajada nas aulas de Educação Física escolar: reflexões de uma autoetnografia feminista sobre as relações de gênero que atravessam o futebol no colégio Gilberto Dias de Miranda - Jacobina-BA*, a dissertação apresenta um relato da prática docente de sua autora, ao mesmo tempo em que descreve estratégias pedagógicas mobilizadas para fomentar a participação das meninas em atividades esportivas. Graduada em Letras, Maria da Conceição realizou sua formação em Educação Física após assumir a docência nessa disciplina e, desde então, passou a buscar alternativas

para enfrentar situações de desigualdade de gênero identificadas no cotidiano escolar.

Sua inserção no universo cultural do futebol remonta à infância, não como jogadora, mas por meio de uma participação ativa em atividades empreendidas por associações esportivas, em especial, no Palmeiras Esporte Clube, do qual se tornou presidenta, sendo a primeira mulher a ocupar tal cargo em um clube de futebol na Bahia. O cordel resulta, assim, tanto de sua formação profissional quanto da sua vivência como “mulher preta, mãe solo, baiana, nordestina, natural de Jacobina, cidade do interior da Bahia que fica localizada ao norte da Chapada Diamantina”.⁴

Para a composição deste texto, inserido na seção *Poética*, tomo a liberdade de adotar uma formatação não convencional: a publicação de trechos da entrevista que realizada com Maria da Conceição e a reprodução integral do cordel *Mulhere-se*. Esses dois artefatos culturais colocam em circulação

³ GOELLNER; MACEDO, História Oral, Educação Física e práticas corporais: marcos teóricos e modos de usar.

⁴ VELOSO. *Por uma pedagogia engajada nas aulas de educação física escolar: reflexões de uma autoetnografia feminista sobre as relações de*

gênero que atravessam o futebol no Colégio Gilberto Dias de Miranda - Jacobina-BA, p. 11.

representações de mulheres que se empoderaram no e pelo futebol e, nesse movimento, desestabilizam relações de poder, criam representatividade e produzem narrativas contra hegemônicas.

* * *

A ENTREVISTA⁵

Silvana Vilodre Goellner: Olá Conceição, em primeiro lugar, muito obrigada por conceder essa entrevista. E gostaria que você começasse se apresentando. O nome completo, porque eu te conheço por Conceição, mas sei que na sua cidade e no teu entorno, você é conhecida por Maria, não é?

Maria da Conceição Santos Veloso: Eu me chamo Maria da Conceição Santos Veloso. Eu tenho 49 anos. Nasci em fevereiro, 18 de fevereiro de 1976. Já, já, tô cinquentando. Graças a Deus, né? Poder viver 50 anos. Sou de Jacobina, uma cidade que fica no norte da Chapada Diamantina. Faz parte da Chapada Diamantina, fica a 330 quilômetros da capital, Salvador. Uma cidade interiorana.

Me fala agora sobre a tua aproximação com o futebol. Como que o futebol chega na tua vida? Eu li na sua dissertação que você nunca jogou futebol.

Interessante. Nunca joguei. As pessoas têm a impressão que eu já joguei. Eu nunca joguei. Então, eu acho que isso vai ser até amadurecido mais depois, academicamente, se eu conseguir ingressar em um doutorado porque eu acho que essa minha relação com o futebol se estreitou também, digamos, com o meu descobrimento como ser mulher. Porque eu acho que até então

⁵ A entrevista foi realizada no dia 3 de fevereiro de 2026 via plataforma Zoom com duração de 1 hora e 8 minutos. Por se tratar de uma entrevista longa, para essa publicação, fiz alguns recortes privilegiando

tópicos relacionados a produção do cordel. A entrevista pode ser acessada na íntegra em: <https://bit.ly/4kz2i7l>.

não tinha isso latente. E também casou. Eu acho que essa coisa do nascer uma outra mulher também acordou para esse lado da Educação Física, porque eu vim de uma outra formação. Eu venho de Letras e depois é que eu descubro a Educação Física. E o futebol, eu digo que, a gente quando nasceu, aqui a nossa família, o nosso núcleo familiar, já nasceu com a bola na mão. E aí, outro dia, eu perguntei para meu pai, porque eu também não tinha essa consciência. Eu falei: “Certo. Você poderia ter tido duas filhas jogadoras de futebol. Onde é que estávamos eu e minha irmã nessas vivências?” Porque a nossa infância foi rodeada do futebol, no nosso final de semana nós íamos assistir aos jogos juntamente com o meu pai. Porque até então a gente ainda não tinha o clube, o Palmeiras, a sede própria. Então a gente tinha a associação com outros clubes e a gente ia assistir aos jogos. E aí tem muitas fotos com meus irmãos ali, pegando carona, digamos, nas fotos dos times, mas não tem meninas. E aí eu perguntei: “Certo, a gente estava ali, a gente estava, mas não está nesses registros”. Então, o futebol sempre foi muito presente.

Bom, você assume a presidência do Palmeiras e, pelo que eu sei, torna-se a primeira mulher a ser presidente de um clube de futebol no interior da Bahia, certo?

E aí eu chego, na verdade, eu nunca estive fora, mas não estava em cargos decisórios, e aí surge a indicação pelo Conselho Deliberativo, que são as pessoas, que na verdade são os fundadores, que são as pessoas mais antigas, digamos assim, na história do clube, de lançar meu nome para presidente. E foi uma época rica nesse sentido mesmo, porque traz também, não é que exista um etarismo com relação a isso, mas traz um olhar também mais atualizado sobre essas discussões para essa gestão,

que veio até 2020, quando veio a pandemia, e aí se prolongou sem eleição, porque a gente faz eleição a cada dois anos. Então, eu fiquei por quase nove anos presidente do Palmeiras. Na primeira gestão que fiquei como Presidente, depois houve a troca na chapa e fiquei como Vice. Hoje sou Diretora de Esporte, por conta também das minhas demandas, eu não estava tendo condição de estar presente nas atividades. O clube funciona de janeiro a janeiro com o fomento do futebol, e hoje eu tenho trazido uma discussão que é a gente precisa ter um espaço lá para as mulheres. Hoje a gente só tem... A gente tem um grande espaço, com muito terreno ainda, com possibilidade de ampliação, e hoje a gente vai trazer, vai tentar por meio de uma lei de incentivo, a gente está vendo isso, para ter uma quadra poliesportiva para que a gente resgate o futebol de mulheres, que a gente entenda que, pelo menos, a partir do futsal a gente consiga movimentar melhor e conseguir trazer essas mulheres.

Como foi a reação dos teus colegas homens do clube ao ter uma mulher como Presidente. Como você sentiu essas questões de gênero?

Existe uma coisa que é curiosa. Primeiro que é assim: “Ai, Maria e tal”, e eu sempre estive ali, nos bastidores, às vezes o nome era só pro-forma, de estar ali na diretoria, mas não participava das reuniões. Então, a partir daí eu disse assim: “Eu só aceito se eu puder decidir, eu não quero ser consultada, eu quero ter o poder de decisão, senão eu não quero”. Então, as pessoas costumam, pelo menos algumas pessoas costumam dizer que sentem saudade de quando eu fui Presidente. Foi interessante, mas eu acho que a gente, eu não entendia muito a questão do discurso, das violências simbólicas que, às vezes, tem no

discurso. Então, quando tinha competições, que aqui a gente tem o Campeonato Municipal Jacobinense, e aí eu opinava sobre a preleção ou os jogadores relacionados, ou a própria atuação dos jogadores, e aí eu trago isso também no texto, na minha dissertação, que aí foi algo que me chamou a atenção e já me deu um pisca alerta, que foi, meu irmão dizia assim: “Você está querendo ser o Dunga,⁶ é bem você querendo ser Dunga”. Então: “O que você está fazendo aqui? Que você não sabe o que você está dizendo?” Então, isso eu ainda não entendia que era uma forma de violência ou de apagamento ou de invalidação da minha fala, do meu posicionamento. Primeiro, como gestora que estava ali, e segundo também, eu acredito, que por ser mulher. Então, eu não tive muita resistência porque eu acho que o estar presente ali, da vida toda, me garantiu esse lugar. Mas algumas falas, colocaram em teste, em xeque-mate, até onde é que a nossa voz é validada.

Eu te perguntei se tiveste reações dos homens ao teu cargo. E das mulheres? Tiveste apoio quando você assumiu a presidência do clube? Como foi tua relação com mulheres?

Criou representatividade. Às vezes que eu participo dos programas esportivos aqui, a audiência é bem mais significativa com a participação de ouvintes que se veem representadas, porque eu sempre tenho feito essa cobrança quando tenho oportunidade de participar de podcast ou de programas de rádio, porque as mídias não falam do futebol de mulheres, que elas estão aí jogando futebol, e aí eu estou sendo esse instrumento, esse canal para visibilizar um pouco mais, então é basicamente isso, eu

tenho tido apoio. A gente tem uma curiosidade também que talvez é algo do interior, que é a participação efetiva das mulheres nos jogos, quer seja como torcedora e também nas equipes. Hoje a gente vê que muitas equipes de futebol amador têm mulheres ou na equipe técnica ou no apoio, no suporte, tem a participação, a presença das mulheres.

E, tentando entender a linha do tempo, você me falou que a tua aproximação com o futebol se dá quando você percebe o que é ser mulher na nossa sociedade. Você já tinha feito a graduação em Letras. Me situa na tua linha de tempo, quando que se dá essa percepção?

Então, eu já estava atuando na Educação Física, não era graduada. Eu me formei nos anos 2000, em Letras e é quando eu entro na rede municipal e estadual de ensino. E eu só vou trabalhar com a Educação Física a partir de 2012, que é quando eu venho removida. Eu não trabalhava na minha cidade, eu trabalhava a 110 quilômetros. E quando eu vim removida para cá, transferida, não tinha Língua Portuguesa. Então eu peguei a Educação Física, porque era uma pessoa contratada, e aí, pelo critério da rede, a vaga era minha. E eu sempre fiquei naquela autocobrança, que eu digo: “Como é que eu discuto determinados temas? Me apropriado do conhecimento?” É como se eu tivesse me sentindo um tanto uma impostora, digamos assim, para legitimar aquele lugar ali. Aí eu busco a segunda graduação, aí sim, nesse período, eu busco a segunda graduação. Eu sempre digo que o PIBID,⁷ de Educação Física, foi que trouxe para mim isso da Educação Física. Me descobri na Educação

⁶ Carlos Caetano Bledorn Verri.

⁷ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

Física, de forma que Letras hoje já não tem mais espaço, né? Se eu puder escolher, eu prefiro atuar na Educação Física.

Então, nessa época você já pensava sobre essas desigualdades de gênero, ou isso vai se aproximar quando você vai fazer o mestrado?

O mestrado foi em 2023. E aí eu fui vivendo todas essas situações, e eu sempre pensei assim: “Um dia eu vou entrar no mestrado. Eu sei que eu não vou encerrar carreira sem entrar, ingressar. E quero falar de futebol”, mas eu não sabia exatamente o quê. [...]. Nem sempre as parcerias da universidade com a escola de Educação Básica, elas dialogam de forma que a gente possa ter acesso a essas formações, né? E, às vezes, a formação continuada de determinadas redes ainda é muito fragilizada. E aí eu fiquei pensando, eu quero falar de futebol, mas eu não sabia exatamente. Então, quando eu vou me descobrindo sobre essa mulher que está nesse espaço, e que essa voz não é validada, aí vai acordando em mim essa consciência: “É sobre as questões de gênero”.

Resumindo: você faz o mestrado, escreve a sua dissertação, e retorna para a escola. É sobre isso que eu queria que você falasse: quando teve a sacação da importância de discutir o futebol de mulheres nas tuas aulas? Como foi esse processo?

E eu fui a professora que, apesar de ir fissurando aquele currículo, eu ainda não tinha esse pleno entendimento, a ponto, assim, de chegar a verbalizar quando tinha as atividades... Porque a gente tem também uma cultura dos jogos escolares, que ela é presente na Bahia muito fortemente, e isso atravessa a nossa

prática pedagógica, que eu dizia assim: “Eu quero levar dez times de homens e não quero levar de mulher”. Porque o ser mulher, para mim, há doze anos atrás, eu ainda não conseguia entender que existe uma outra dimensão que nos possibilita entender o universo do ser mulher, inclusive das dificuldades que historicamente nos marcam. Eu sabia que existia essa invisibilidade, existia uma resistência dessas meninas em participarem das aulas de Educação Física, mas eu não entendia que existiam várias camadas ali que impossibilitavam ou impediam que elas estivessem tão mais presentes. E aí foi que eu fui entendendo que precisava ser feito um trabalho, inclusive de entendimento, porque as meninas estão nos escanteios, elas estão nas arestas, elas estão nas arquibancadas, elas estão na sombra, né? O que é que faz com que os homens dominem esse espaço? E me incomodava também com essa força que esse corpo de homem, do menino, do estudante, presente nesses espaços, inclusive quando coloca até em dúvida a nossa capacidade de ser professora de Educação Física. “Como assim?” Eu lembro que certa vez um estudante pediu que eu chamasse o porteiro, que era um jogador de futebol master, que é uma pessoa conhecida, que a coisa do interior é boa também, porque você conhece todo mundo, e assim: “Chama o Seu Marcos para entrar em campo com a gente”. Então, a falta de confiança na professora que não entende de futebol. Essas questões me incomodavam e eu ainda não tinha esse entendimento, né? E esse entendimento foi sendo construído a ponto de eu conseguir ter isso melhor desenhado e escrever, estudar sobre.



E como que você planejou esse trabalho que resultou na produção de um cordel, acho que com a turma do sexto ano, não é? É uma escola municipal ou estadual?

Escola municipal. No primeiro momento, seria na escola estadual, na escola de Ensino Médio, que era a escola que eu estava lotada, mas aí eu fiquei excedente. Voltei de uma licença médica e fiquei excedente. E eu achei que era uma turma que ia

me dar muito mais respostas, pela idade, né? Existia ali também, e isso foi também me acordando para as questões desses corpos que estão na Educação Física. Estão e não estão. E isso eu me perguntava: “Por que é que não estão todos e todas e todes?” E aí isso foi avivando em mim essa inquietude. E aí eu tive que optar entre as duas escolas, porque eu leciono em duas escolas, né? [...] . E aí eu vou para o Ensino Fundamental, para o sexto ano, trago essas discussões sobre essa invisibilidade, sobre esse apagamento, e as respostas foram muito positivas, muito vivas. E aí a gente precisa educar meninos e meninas para essa equidade.

Conceição, como se deu a escolha do desenho que figura na capa do *Mulhere-se*?

Com relação a escolha da imagem da Amanda [Cruz]:⁸ eles fizeram algumas atividades em que retrataram o futebol segundo as suas vivências e experiências e uma das atividades ao longo da unidade de estudo era justamente eles fazerem essa releitura de como eles entendiam o futebol a partir das discussões e debates que íamos fazendo. Quando chegou o momento da produção dos cordéis, eu pedi que eles ilustrassem, que a gente imaginasse que ia ilustrar o livro todo, como ia ilustrar essas histórias. E tem muitos desenhos bem interessantes, mas eu selecionei o da Amanda porque acho que ela reproduziu melhor dentro das discussões propostas ao longo da unidade letiva. Um dos critérios para a escolha do desenho da Amanda, foi trazer imagens de mulheres comuns, diferentemente dos/das demais estudantes que trouxeram muitas imagens relacionadas à

⁸ Amanda Cruz, aluna do 6º ano.

seleção brasileira de futebol feminino. Como o cordel traz as mulheres, anônimas e pioneiras, julguei que fosse uma imagem provocativa para a capa do livro. Uma informação interessante é que a ideia de utilizar o desenho de um/a aluno/a surgiu no percurso da pesquisa/estudo e a Amanda ficou extremamente feliz em ter sua arte na edição do livro.

E daí você propôs fazer um trabalho com o futebol de mulheres. Fala um pouquinho como que foi esse processo? Que produtos vocês fizeram? Como que eles reagiram?

Então, tem sido extremamente bacana, principalmente nesses últimos três anos, porque a gente tem a unidade letiva que trabalha sobre os esportes coletivos, e a gente trabalha com futebol. E eu trago várias temáticas dentro do futebol: o racismo, o machismo, o futebol de mulheres, a questão do preconceito, e eles têm sempre uma devolutiva, um *feedback* interessante, por exemplo, quando eles trazem. “Você viu, Pró, a Raissa?”⁹ Que a gente tem hoje, a Raissa que está no Palmeiras,¹⁰ acho que no sub-20, ela é jacobinense! Então, a gente faz uma troca para além da sala de aula, tematizamos o futebol, eles pesquisam, utilizamos algumas fontes, e aí a gente usa muito essa coisa do texto multimodal, porque a gente traz o texto do Instagram, a gente traz a notícia, a gente traz a fotografia, o jornal

local, porque a gente ainda tem jornal impresso aqui, que traz o registro esportivo. E, por último, a gente trabalhou esse ano com o teu livro.¹¹

Que lindo! Isso é uma honra e uma alegria.

Eles conseguiram produzir diversas atividades, desde a releitura de telas como uma de Portinari,¹² como produzir um vídeo sobre a Dilma Mendes,¹³ usando a Inteligência Artificial. E um desses instrumentos foi a literatura de cordel, que resultou no material que eles produziram contando a história das mulheres, não só as mulheres, as pioneiras em nível nacional, mas também as mulheres do futebol de Jacobina. Assim nasceu o Cordel produzido pelos estudantes e pelas estudantes do sexto ano do Colégio Gilberto Dias de Miranda, de Jacobina, na Bahia! [...] E aí, meu Deus, o que é que a gente tem de palpável? Que é produto, que é resultado dessa produção de conhecimento deles. Então, fizemos a Roda de Conversa¹⁴ que alimentou essa escrita, porque eles puderam conhecer cinco mulheres que são do futebol, que já foram jogadoras da década de 1980,¹⁵ ou que ainda têm estreita ligação com o futebol, e uma jovem,¹⁶ que é da base do Bahia¹⁷ e isso retroalimentou a produção do livro de cordel, mais as biografias do teu livro.

⁹ Raissa Soares Carvalho da Paz, conhecida como Raissa Bahia.

¹⁰ Sociedade Esportiva Palmeiras.

¹¹ Referência ao livro “As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer”, escrito por Silvana Vilodre Goellner e Juliana Ribeiro Cabral, publicado pela Editora Ludopédio em 2022.

¹² Referência a obra *Futebol em Brodóski*, de Candido Portinari (1935).

¹³ Dilma Maria Mendes.

¹⁴ I Roda de Conversa Café com Bola: Mulheres no Futebol.

¹⁵ Participaram da I Roda de Conversa: Irlanda Iassim (ex-jogadora) e Aneilza (dirigente da Escolinha de futebol Projeto Vida), Miralda Muricy (professora e ex-jogadora de futsal/futebol) e Val Santos, jogadora do Palmeiras Esporte Clube.

¹⁶ Ellen Almeida.

¹⁷ Esporte Clube Bahia.

E são meninos e meninas em conjunto, não é?

Meninos e meninas sempre juntos.

Conceição, eu queria pensar um pouco sobre esse teu trabalho. Você acha que ele empodera as meninas diante dos meninos dentro do futebol? Como que se dá essa relação?

Então, eu achei extremamente positiva essa intervenção, que acaba sendo uma intervenção, porque rasura essa escola que não tem uma cultura com as meninas ali naquele espaço, a ponto de elas desejarem participar. Então, assim: “Poxa, eu não sabia que na Educação Física a gente fazia as leituras e discussões”, porque é uma escola muito voltada para a questão do esporte. Então, eu chego, porque eu trabalho nessa rede há vinte anos, mas eu não atuava especificamente com a Educação Física. Então, eu achei interessante, porque alcançou os meninos nessa... Que eu acho que eles precisam ser educados para isso, que é o entendimento de que meninos e meninas podem, eles estão ali, coexistindo naquele espaço, mas também do empoderamento das meninas, da ocupação daquele espaço. Então, eu tenho até um áudio muito interessante de uma aluna que precisou se ausentar por duas semanas e ela disse: “Pró, eu estou aqui com o meu avô, mas, assim, olha, aqui tem um campo e eu estou indo jogar lá. Isso é bom, não é, Pró?” Eu disse: “Isso é ótimo”. Então, eu acho que é isso. Aí uma outra disse assim, numa edição que não sei se foi das Olimpíadas,¹⁸ que as mulheres estavam jogando, aí ela me mandou uma mensagem. “Pró, nossa, como eu fiquei nervosa. Gente, como o jogo de mulheres é bonito de se ver”. Então, eu acho que é essa rasura que vai

alcançando as meninas para o entendimento, e os meninos também, porque eles trazem sempre, semanalmente alguma notícia. “A senhora viu, Raissa Bahia fez um gol. A senhora viu, Pró?”. Então, tirar também essa representação que é sempre da figura do jogador, do atleta, do homem, e essa representação da mulher no futebol para os meninos também, isso também tem atravessado as nossas práticas, e isso também tem sido extremamente positivo. Por fim, Silvana eu gostaria de mencionar algo sobre a questão da representatividade. Quando eu participei de um podcast aqui, todos os meus alunos das minhas cinco turmas, eles assistiram e ficaram maravilhados em poder ouvir uma mulher falando sobre o futebol em Jacobina. Eles verbalizaram isso: “A professora entende”; “A senhora fala muito bem”. Então, eu acho que é preciso dar essa visibilidade para a participação das mulheres em diferentes frentes dentro do contexto do futebol.

* * *

¹⁸ Referência aos Jogos Olímpicos.

Mulhere-se



ORGANIZAÇÃO E REVISÃO
Conceição Veloso

AUTORIA DO CORDEL
Estudantes do 6º ano A
Colégio Gilberto Dias de Miranda, Jacobina/BA, 2024

mulheres aguerridas e inteligentes
isso se comprova, é inspiração
“nascem” as Adrieles, Luaras e Ellens
verdade, é de palpitar o coração
de incríveis dribles, pura habilidade
nos enchem de emoção

Marta, Formiga, vemos suas jogadas,
sofrem, mas, não perdem a qualidade
ídola e ícones dessa geração
muitas vezes premiadas, é verdade
em campo, bola no pé, puro show,
meninas no futebol, nossa preciosidade

diariamente, expressões machistas
até na escola temos escutado
podemos fazer uma lista
vem de meninos debochados
que nos acham incapazes
só por sermos feministas

na quadra fizeram coro
nos mandando lavar a louça
no jogo quebrando o decoro
que ali não é nosso lugar, louca?!!!
a “pró” veio em nosso socorro
não nos façam de trouxa

as mulheres precisam de respeito
desejos e metas alcançar
ter oportunidades iguais,
como direito e sua história honrar
essa luta é nossa, vamos vencer
e a história do mundo mudar

a sociedade vai se transformar
a mudança começa com a gente
a escola pode ajudar a desatar os nós
do preconceito sempre frequente
e o machismo não terá vez
pois não há quem aguento!!!

no campo elas brilham, com a bola no pé
guerreiras e de coragem cumprem a missão
com garra, destreza e fé
no futebol, tens força e paixão
driblam o machismo dos “Mané”
da bola são mestras, digo com emoção

Marias, Dilmas, Irlandas e Miraldas
a baiana Sissi, rebelde, nossa pioneira
com garra, abriram caminhos no futebol
suas habilidades, lança afiada, certa
na roda de conversa, tivemos prova
e ficamos sabendo de suas carreiras

a história das mulheres
sempre foi marcada por barreiras e luta
seus direitos buscam conquistar
com muita garra, suor e labuta
e nesses versos queremos contar
das mulheres, suas jornadas e bravura

então, por favor presta atenção
somos alunos do 6º ano A
preconceito, machismo e sexismo
neste trabalho vamos abordar
a ideia é combater e abolir
para a nossa realidade transformar

nesses versos inacabados
ainda há muito o que poetizar
nos perdoem os erros
foi nossa forma de homenagear
falando dessas mulheres
que tem muito a nos orgulhar.

* * *

REFERÊNCIAS

GOELLNER, Silvana Vilodre; Cabral, Juliana Ribeiro. **As pioneiras do futebol pedem passagem**: conhecer para reconhecer. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre; MACEDO Christiane Garcia. **História Oral, Educação Física e práticas corporais**: marcos teóricos e modos de usar. Belém: RFB, 2025.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

VELOSO, Maria da Conceição Santos. **Por uma pedagogia engajada nas aulas de Educação Física escolar**: reflexões de uma autoetnografia feminista sobre as relações de gênero que atravessam o futebol no colégio Gilberto Dias de Miranda - Jacobina-BA. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Colegiado de Educação Física da UNIVASF, de Letras da UFMG, Petrolina, 2025.

VELOSO, Maria da Conceição Santos. **Entrevista concedida a Silvana Vilodre Goellner**. Projeto Registrando Memórias: História Oral, Educação Física e Práticas Corporais. Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, EEFFTO/UFMG, Jacobina, 3 fev. 2026.

* * *

Recebido em: 11 fev. 2026.
Aprovado em: 11 fev. 2026.